

# A Ironia

## no Auto da Compadecida

GERALDO DA COSTA MATOS  
UFES

Sócrates (470 ou 469 - 399) pôs sua vocação de filósofo a serviço da descoberta do ser humano em seu sentido ontológico. Seu famoso lema “conhece-te a ti mesmo”, assume tua ignorância e procura sair dela, olha humilde o ser que tu és e caminha, exprime-lhe a introspecção, a descida aos abismos interiores e o empenho imperativo no sentido de cada um ativar sua reflexão sobre o eu. Com suas últimas palavras, após sorver a cicuta a que havia sido condenado, “Devemos um galo a Esculápio”<sup>1</sup> quer Sócrates agradecer o dom da morte com o qual se livra do mal da vida.

Foi um educador de atitude crítica, no sentido etimológico do termo. Educere, étimo de “educar”, tem como sentido fundamental “conduzir”, *ducere*, para fora. E “crítica” significa julgamento, juízo a respeito de. O processo educativo, segundo Sócrates, não se faz de fora para dentro. O que ensina auxilia no parto. É a maiêutica socrática. O reconhecimento da própria ignorância conduz à necessidade de superá-la. É um processo dialético, de cada um consigo mesmo, no olhar as suas misérias e lutar contra elas. Um ato irônico, no sentido maior de Ironia. Procura-se a felicidade do saber, através do sofrimento. Assim concebida, a Ironia instaura o Diálogo (dialético), funda uma dinâmica na sucessão de episódios e, conseqüentemente, o Provisório, espaço natural da condição humana e do curso da história. Não é esse o tecido da vida? A conquista definitiva, em latitude e profundidade, a obtenção da plenitude é aquisição contrária à ex-istência no sentido heideggeriano<sup>2</sup>

Paradoxalmente vida e morte se fundem pois o curso histórico se faz na seqüência de rejeições. Cada opção contém uma renúncia. Daí dizer Miguel Unamuno: “Viver é dar-se, perpetuar-se, e perpetuar-se e dar-se é morrer”<sup>3</sup>. É atributo humano poder deslocar-se, pela cognição e afetividade, para o passado e para o futuro: sua riqueza e miséria. No pretérito se alicerça o porvir. Todo passo é iconoclasta ao rejeitar o anterior como concludente. É ruptura. E, mortífero, por esta razão. Não há opção sem renúncia. Então, só a futuridade é humana.

*Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, assume este posicionamento, re-presenta esta cosmovisão. João Grilo, personagem tecelão da peça, vive no Provisório. Sua ambição se limita à garantia do minuto nascituro. A reserva dele é o tino rápido, ligado à inteligência vivíssima, ao bom humor constante, além de sua consciência de superioridade, estímulo

para a defesa de cada agora. Traz os movimentos de dançarino ou de acrobata, de mágico ou de domador da tragicidade humana, de velhas feras, a risada final, como diz Juarez Batista <sup>4</sup>.

Com toda a sua riqueza, com esta singular estrutura, que faz dele um anti-herói heróico, o personagem João Grilo é apenas um componente da ironia de *Auto da Compadecida*, texto no bojo do qual se encontra a cada passo a angústia, como insistência para se realizar o supremo apelo que faz o Ser ser humano. A Dor, filha natural da ironia, não fala apenas a humanidade de cada humano como convidado, aliás, convocado, para morar sempre fora sem deixar de estar dentro. Ela é a história enquanto tal, o brasileiro, o nordestino, este momento irônico pelo qual passamos. Em nome da felicidade, vemos e vivemos nesta hora o mundo como um barril de pólvora. A violência caracteriza a convivência das nações entre si e dos componentes de cada uma, enquanto grupos e famílias. Os indivíduos estão em crise com seus companheiros e mesmo consigo próprios. Mostram os psicólogos e psiquiatras, com dados estatísticos, o número crescente de desajustados e neuróticos, doença oriunda de um desenvolvimento rápido a ponto de não haver tempo para o amadurecimento das opções. Quanto mais conquistamos o tempo e o espaço, menos tempo e espaço temos. É que criamos as necessidades antes das conquistas. Karen Horney dá como fonte destes conflitos internos o querer sem restrições, num círculo vicioso de modo a precisar conquistar para satisfação dos desejos que nunca são atendidos e querem ser satisfeitos antes das possibilidades <sup>5</sup>.

Atinge-se então uma ultrapassagem do provisório como leito do rio do curso histórico, ameaçando chegar ao oposto pois violência é sinônimo de estagnação, conseqüência do radicalismo.

*Auto da Compadecida* se torna um texto cada vez mais atual na medida em que oferece estas dolorosas e irônicas mazelas do chamado espírito de modernidade. É irônico ver a Ironia ironizando a si mesma ao fechar por abrir demais: a Dor, como conseqüência do Riso. A alegria de riqueza da mulher do Padeiro gera a Dor do pobre: "... Bife passado na manteiga para o cachorro e fome para João Grilo. É demais! E Chicó é" um miserável que não tem nada." (A.C., p.38)

O sofrimento interior é maior por sua percussão na eternidade. E de cada um desses momentos de angústia resulta algum aprendizado para os personagens. Conseqüentemente para o leitor ou platéia. Nem os celestiais Suassuna os exime de Dor. Deus não está tranqüilo pois se alonga no criado. Um momento há em que Manuel fala assim "... eu sou homem e sou Deus". (A.C.,p. 165). A análise superficial de um cristão poderia ver a absurdidade e até sacrilégio, insolência de *Auto da Compadecida*. No entanto a Bíblia a cada passo mostra Deus angustiado. Veja-se este momento do Gênesis: "E, tocado de íntima dor de coração, disse: Exterminarei da face da terra o homem que criei /.../ porque me pesa de os ter feito..." ( Gên., 6, 6-8). "Deus/.../ sofre em nós" diz Unamuno. <sup>6</sup> Em várias falas se vê o Cristo emocionado no texto em questão.

Mais humana ainda é a *Compadecida*. Ela participa intensamente das ânsias dos réus, como advogada de defesa: "... começam com medo, coitados, e terminam por fazer o que não presta, quase, quase sem querer." (A.C., p. 175). Observe-se a carga emotiva da palavra "coita-

dos”. Em outro movimento ela participa da luta de João Grilo quase como quem assiste a um jogo de Futebol: “... estou aqui torcendo por você.” (A.C., p. 187).

Os representantes do Inferno exteriorizam um desespero sem saída, no mais alto grau. Eles têm ódio de si mesmos, entre si e de todos com os quais tenham de conviver, inclusive do Cristo e da Compadecida. No entanto foram anjos de luz. A acusação aos réus é rancorosa e de costas. Extrema dor, intensificada por seu caráter de eternidade. O chefe deles, o Encourado, é ainda objeto de irrisão. a Compadecida o chama de mascarado, Severino diz que ele não tem mãe e o Cristo o faz de palhaço. João Grilo não lhe dá sossego. Aproveita todas as ocasiões para o ferir e ao final ele ainda se arrasta para sob os pés de Maria. O inferno não tem portas de saída segundo a ideologia do texto. É Dante Alighieri no século XX com sua terrificante sentença que tanto impressionou a Idade Média: *Lasciati ogni speranza, voi ch'entrate*.

Ainda são nossos dias um rosário de clausuras, ameaçadas, embora, com a implosão da ditadura russa. Deuses do saber, senhores de sistemas herméticos, tentam manter o século amarrado, como Prometeu no Cáucaso. Tão auto-suficientes que têm já respostas prontas, decisivas para toda e qualquer questão. Repondem pelo céu e pelo inferno, pelas ciências e pelas artes. Só não têm coragem de explicar a si mesmos. Para isto teriam de se pôr no tribunal, se deixar julgar. Deificados pelo próprio orgulho, são os Encourados do Auto da Compadecida. Apresentam-se de costas, armados até os dentes, contra. Não suportam a luz dialógica. Frequentemente vencem pela imposição, embora não convençam. Se o erro lhes queima o rosto,... mesmo em se tratando do “óbvio ululante”, não são culpados. A história é que se desviou. O império destas clausuras políticas, religiosas, morais e tantas, que de política, religião, moralidade nada têm, é de si passageiro. Está morto já, como o Encourado. Seus Imperadores são assassinos de si mesmos, tentam reprimir, sufocar a ex-istência e o conseguem, por tempo variado, segundo a intensidade da repressão, até a lava da liberdade retomar seu caminho. Vivem felizes no nível do Parecer, embora corroídos no nível do Ser. Têm eles uma paz neurótica. Esta pretensão do espírito esconde uma ansiedade profunda, diz Domenach<sup>8</sup> É uma tentativa de permanência de Riso, da solução de todos os problemas e, em consequência do desbarate da Dor. Mas se consegue apenas uma farsa, como os consumidores de tranquilizantes ou aquele beerrão de *Le petit prince*<sup>9</sup> que bebe para se esquecer de que bebeu.

O ser humano não cabe em clausuras. Enclausurá-lo é castrar-lhe o que só ele possui, o vigor da via(gem). Por isso é que, por maiores que sejam as forças coercitivas sobre ele, lá dentro continua lavrando a “... tremenda batalha...”<sup>10</sup> em forma de força centrífuga destinada a, mais cedo ou mais tarde, aflorar-se à superfície. É muito mais cômodo para um chefe de família manter absoluta ordem no lar, exigindo dos filhos total subserviência. Ou para o político a submissão de seu povo. É fácil aos dignitários da igreja ser-lhes prestada obediência cega. “Não chamei, mas se Vossa Reverendíssima diz que eu chamei é porque sabe mais do que eu”, diz o Padre ao Senhor Bispo de Auto da Compadecida (A.C., p. 77).

Chicó passa pelo texto livre da dor da morte e das ânsias do julgamento no além. Sua fonte de dores é a dependência de João Grilo. Em uma de suas falas diz não ter coragem de continuar a conviver com tantas atrapalhões armadas por seu companheiro. Analisa-se (Conhece-te a ti mesmo) e olha de frente sua fraqueza: “Eu sou homem mas sou frouxo.” (A.C. 0. 80). “Quanto mais forte a pessoa ficar, tanto menos ela se sentirá ameaçada pelas outras” escreve Karen Horney<sup>11</sup>. No ângulo oposto, quanto mais fraca, mais ameaçada. Chicó chega a se eliminar, quando João Grilo morre: “Que é que eu faço no mundo sem João?” (A.C., p. 134). Não pode, porém ser visto como um homossexual passivo. Os dois representam a dupla folclórica sertaneja. Sob este ângulo eles são faces do mesmo.

Auto da Compadecida põe no palco um grupo de canalhas cuja dor resulta em grande parte da pobreza de seus caracteres. É irônico este componente pois se constitui de personagens que, por natureza, deveriam ser magnânimos: o Padre, o Bispo. Num sentido maior ainda aí se vê a Ironia porque a ênfase à deturpação de caráter de cada um faz a platéia refletir e o texto atinge um de seus objetivos: mostrar que as instituições podem ser boas enquanto tais, seus membros, porém, são fracos por natureza, pelo fato de serem humanos. A peça moraliza e seu autor concretiza suas intenções de moralista. A Dor destes personagens, nos níveis biológico e psíquico, advém do natural desconcerto do mundo, do pavor da morte e da aflição durante o julgamento no qual o demônio Encourado os acusa sem piedade. Pe. João é um religioso venal. Benze o cachorro por ser do poderoso Antônio Moraes. Da mulher do Padeiro não benzeria. Os momentos de Dor desse personagem são freqüentes ao longo de sua trajetória. O próprio Antônio Moraes quase o ameaça de morte, julga-o louco e o denuncia ao Bispo. A mulher do padeiro o põe em apuros ao dizer que vai demitir o marido de Presidente da Irmandade, que não vai mais custear obras da Igreja, nem lhe mandar pão e leite, já que não pode benzer o cachorro dela. Quase perde seus direitos sacerdotais, os Cangaceiros lhe roubam o dinheiro do testamento e ainda o matam. O momento mais difícil ainda está por vir: o julgamento, com as acusações do Diabo.

A chegada do Demônio desencadeia a aflição em todos: no Bispo, no Padre, no Padeiro e Mulher, nos Cangaceiros. Apenas com uma determinação de Cristo pode João Grilo parar de tremer. O processo é longo, com graves acusações a cada um, chegando Manuel a dizer que nunca havia visto tanta coisa ruim reunida (A.C., p. 156). Se nessa fala o Cristo não exagerou, o século XX se torna então um dos mais pecadores da história, na ideologia do texto.

Com a ponderação de Manuel de a situação estar ruim para todos, os que ainda conseguem falar, como Bispo, Padre e a mulher do Padeiro, expressam uma infinita aflição. Eles são conduzidos à extrema humilhação de porem suas esperanças em João Grilo, aquele miserável amarelo a quem nenhum deles dava qualquer valor durante a vida terrena. No pobre operário e nos oprimidos, a solução dos problemas dos patrões e opressores.

Através de João Grilo a compadecida entra na peça. Ele é a espinha dorsal da obra. E, por uma série de marcas, encarna com louvor o povo nordestino. Mas é também o encontro do telurismo com a universalidade,

por representar a condição humana em seu sentido ontológico e, como transmarino, oriundo de uma linguagem de histórica tradição, da novela picaresca ibérica, florescente na Espanha nos séculos XVI e XVII.

A profissão de criado faz do Pícaro um vagabundo, lhe possibilita surpreender a intimidade dos nobres e a conseqüente denúncia do que há de falso e de criticável.

A novela picaresca tem na sátira, e conseqüentemente na Ironia, seu caráter fundamental. Reflete com crueza a sociedade explorando-lhe suas misérias pequenas e suas cicatrizes morais. O Pícaro se vinga de sua desgraça ao desvelar a realidade ridícula dos que o massacram com aparência de grandeza. João Grilo exerce exatamente esta função na peça. Ele abre ao leitor e espectador as portas para o mundo íntimo do casal, Padeiro e Mulher, do Sacristão, do Padre, do Bispo, dos Cangaceiros, do Inferno e até do Céu pois mesmo o Cristo, de certo modo ele o espeta. Só vive em paz mesmo com Nossa Senhora, sua advogada.

No entanto, o que mais impressiona em João Grilo, é sua propriedade de estar sempre fora e nunca sair de dentro. Uma necessidade incontida de viver no novo, assim como o caçador perdido na floresta que põe o pé na cladeira no momento mesmo de abrir o mato. A vida se lhe faz em uma seqüência de inesperado, uma ventura de aventuras. E não é esta a concepção do Ser, o próprio Dasein do pensamento moderno? I Dasein com o qual os humanos se põem na zona de abertura do Ser é o fundamento do Diálogo, e, portanto, a Ironia em Auto da Compadecida com certos processos alguns dos quais merecem registro. A rigidez mecânica é um deles. O personagem a encarna se comportando como um boneco de pau. Perde a flexibilidade, o mistério da vida e mostra a humanidade menos humana à proporção que se escraviza, se submete ao chamado progresso. Por exemplo, após a morte de todos, havendo necessidade de mudança do cenário, Chicó, por ordem do Palhaço, vai acordando a todos para ajudarem. Quem estava morto, pergunta ele. Eu..., Eu..., Eu..., vão respondendo. Terminado o trabalho, todos morrem de novo, cada um em seu lugar, exceto João Grilo que prefere morrer mais longe do Sacristão (A.C., p. 135).

A chegada do Bispo (A.C., p 72-73) também é muito significativa na análise da Ironia. Mediocre e profundamente presunçoso, faz um gesto soberano ordenando ao palhaço se erga da respeitosa curvatura. Inclina-se pela segunda vez e se levanta com novo gesto do dignitário. Mecanicamente vai pendurando chapéu e paletó num cabide imaginário e os vai apanhando em seqüência. Abre largamente os braços para sua Excia. Reverendíssima, recebendo como resposta um gesto de desprezo. Bispos, Padres e católicos fanáticos, como leitores ou expectadores, mostrarão um riso doído, quando não fecham o livro ou se retiram da platéia.

A rigidez mental é outra forma de manifestação da Ironia. A mecânica diz respeito aos movimentos físicos. Esta se refere aos mecanismos da cognição e da afetividade. Claro é que as duas dimensões não são compartimentos estanques pelo fato mesmo de a pessoa ser uma substância indivisa. Chicó tem idéia fixa em contar histórias. Contar, para ele, é ponto de partida e de apertamento. o ato de narrar é nele mesmo, importando pouco se se trata do razoável ou de absurdidade. Por isso

não se explica o caso do cavalo bento, da mulher que pariu um cavalo, do peixe pirarucu. Se se lhe pede um esclarecimento, responde com naturalidade:

“... não sei, só sei que foi assim.” (A.C., p. 26). João Grilo diz ser louco por uma embrulhada (A.C., p. 39). Observe-se o termo “louco”. Tem uma espécie de psicose pela futuridade. Viver lhe significa inventar a vida e assim consegue rejeitar o presente. Antônio Houaiss fala dele como sendo “... no fundo, o homem do povo, o proletário, o explorado, entretanto com forças para compreender sua condição e rebelar-se a seu modo contra esta condição...”<sup>12</sup> Representante do bom brasileiro, ele conta piadas, diz palavrão e assim vai enganando a fome. Põe sobre a dor de cada agora um invólucro de riso. Mais que ironia: Irrisão.

A Mulher do Padeiro tem idéia fixa em dinheiro e bicho (A.C., p. 39). Aos cachorros trata com carne passada na manteiga e deixa os empregados com fome, mesmo quando doentes (A.C., p. 39). Os dignitários da Igreja ao invés de abrirem os caminhos do céu aos fiéis, cuidam de seu bem-estar no mundo. Aplicam as normas eclesiásticas segundo as circunstâncias. O Bispo cita o direito canônico para provar o erro dos funerais do cachorro, em latim, justificando-o, porém, com a mesma lei, após saber do testamento no qual também é agraciado.

A ruptura dialógica no desencontro dos discursos é um dos altos momentos de ironia no texto em questão, pelo fato mesmo de a História ter seu fundamento no Diálogo. Estancado o curso histórico perdem os humanos o seu atributo essencial de caminheiros. Cada personagem se conserva no seu universo de significações. O encontro de Antônio Moraes com o Padre é marcado por um desencontro de discursos e, portanto, por um conflito radical. Enquanto o primeiro pensa na doença do filho, o segundo fala de cachorro e pergunta se o bichinho já está fedendo, se tem rabugem, se a doença começou pelo rabo e se refere à mãe dele, a cachorra. Esse quiproquó faz o Riso eclodir na platéia mas no palco a tensão é forte e do choque resulta a Dor. Dois humanos entre os quais medeia a palavra cuja função seria unir. Ela é de fato o mais inocente e o mais piadoso de todos os dons. Castigat ridendo mores.

O provisório é o habitat natural da condição humana. a seqüência de episódios que o constituem se tece de fracassos e de vitórias, de Risos e de Dores: essência da Ironia. “Tudo o que é provisório, tudo o que é meio de outra coisa exala já uma espécie de ironia”<sup>13</sup>, escreveu Vladimir Jankélévitch, na obra *L'Ironie*. Riso e Dor não estão em posições contrárias mas complementares. Quanto maior é a Dor, maior é a alegria de eliminá-la. É também muito mais intenso o sofrimento sucedâneo dos grandes prazeres. Não se trata, portanto, de uma sucessão de embates de forças radicalmente contrárias. A tese tem no seu bojo algo da antítese e vice-versa. Do choque resulta o curto-circuito em que ambas se queimam como a semente lançada ao chão é destruída pela terra mãe a fim de se irradiar uma nova manhã. Na Ironia não há imposição para deposição da parte contrária, mas uma proposição, para a composição. Esta dialética é a enérgeia do curso historial do Ser. Auto da Compadecida ao apresentar tudo no eterno Provisório assume e personifica a Ironia como dínamo da vida.

## NOTAS

- 1 - PADOVANI, H & CASTAGNOLA, L. (1964) p. 59.
- 2 - HEIDEGGER, M. (1969), P. 72.
- 3 - UNAMUNO, M (1967), p. 105.
- 4 - BATISTA, J. G. (1972), p. 16.
- 5 - HORNEY, K. (1966) p. 34.
- 6 - UNAMUNO, M (1967), p. 109.
- 7 - ALIGHIERI, D. (1958) p. 19.
- 8 - DOMENACH, J. M. (1967) p. 279.
- 9 - SAINT-EXUPÉRY, A (1946) p. 44-45.
- 10 - HORNEY, K. (1966) p. 26.
- 11 - IBIDEM, p. 199.
- 12 - HOUAISS, A. (1957).
- 13 - JANKÉLÉVITCH, V. (1964) p. 83.

## BIBLIOGRAFIA

- 1 - ALIGHIERI, Dante. *A Divina comédia*. São Paulo, Edigraf, 1958
- 2 - BATISTA, Juarez da Gama. *O Barroco e o maravilhoso no ramoance de Jorge Amado*. João Pessoa, Instituto Central de Letras, Univ. Fed da Paraíba, 1972.
- 3 - DOMENACH, Jean Marie. *Le retour du tragique*. Paris, Seuil, 1967.
- 4 - HORNEY, Karen. *Nossos conflitos interiores*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

- 5 - HEIDEGGER Martin. *Que é metafísica ?* São Paulo, Duas Cidades, 1969.
- 6 - HOUAISS, Antônio. *Auto da Compadecida*. Diário Carioca, Rio de Janeiro, 24 nov. 1957.
- 7 - JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *L'Ironie*. Paris, Flammarion, 1964.
- 8 - PANDOVANI, Humberto & CASTAGNOLA, Luis. *História da filosofia*. São Pulo Melhoramentos, 1964.
- 9 - SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Le petit prince*. Paris, Gallimard, 1946.
- 10 - SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro. Agir, 1980.
- 11 - UNAMUNO, Miguel. *Del Sentimento trágico de la vida*. Madrid, Espasa Calpe, 1967.